Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2751unse

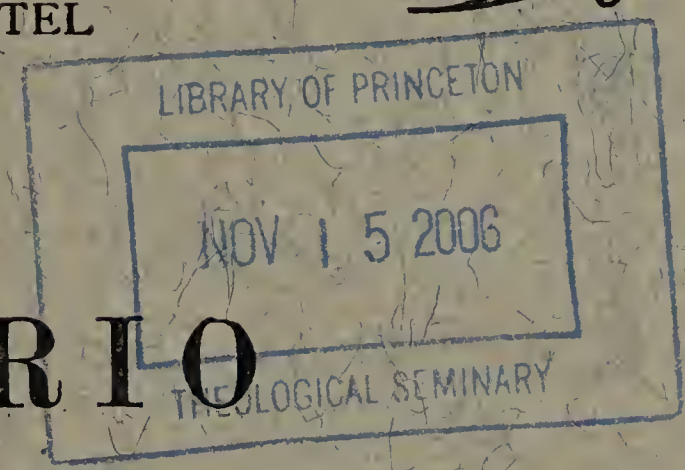
ANO XXVII—Brasil — E. S. Paulo—Matão, 15 de Junho de 1951 — N. 5

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL



SUMÁRIO

Incredulidade e negação sistemática	*Redação*
Três Médiuns	*Ismael Gomes Braga*
Espiritismo e Liberdade	*Pereira Guedes*
A Instrução do Médium e sua Importância Social	*J. B. Chagas*
Ensinando	*Lucas*
A Verdadeira Escola do Carácter .	*Arnaldo S. Thiago*
A Ressurreição de Jesus	*Romulo Matovani*
«As Profecías de Daniel e o Apocalípse»	*Lima Filho*
Onde encontrar Alívio	*Maj. Levino Cornelio Wiscral*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1951 — NUM. 5

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Incredulidade e negação sistemática

NÃO podemos e nem devemos censurar o incrédulo, de vez que ninguém pode aceitar uma idéia sem o devido conhecimento. Mas entre a incredulidade e a negação sem um estudo prévio de certos problemas, questões ou idéias, a distância é tão grande que não se pode medir. O incrédulo que não aceita uma idéia tida como facto sem o necessário estudo, pesquiza ou observação, demonstra possuir bom senso e capacidade de compreensão de suas responsabilidades morais. Mas o incrédulo que nega sem o devido conhecimento, por sistema, não é digno da consideração dos homens cultos, assemelha-se aos debeis mentais e cae no ridículo, como cairia no ridículo quem se aventurasse a negar que a terra move-se à roda do sól.

Estas considerações vêm a propósito de certos negadores dos fenômenos psíquicos, fenômenos proclamados, demonstrados e estudados pelo Espiritismo. E o que mais nos espanta é que os mais obstinados negadores são justamente pessoas cultas, que alisaram os bancos das Academias e que são tidas como orientadoras da opinião pública.

Quando nos chega ao conhecimento que esta perigosa classe de negadores (perigosa porque a maioria lhes dá crédito) afirma que o Espiritismo é uma fábrica de loucos e que os espíritas são débeis mentais, fanáticos ou místicos, nos vem à mente aquela conhecida frase do filósofo Giordano Bruno que, ao ver uma velhinha com um feixe de lenha destinada à fogueira em que havia de ser queimado, exclamou: «Santa ignorância!» Mas quer queiram quer não, os factos e fenômenos espíritas se reproduzem em escala cada vez maior, desafiando os sábios de todos os matizes.

Ninguém, por mais sábio que seja, terá a coragem, a ombridade moral de provar doença mental ou loucura, por exemplo em William Crookes, o descobridor do talium, do estado radiante, da polarização da luz, que durante três anos presenciou a materialização do Espírito de Katie-King e do que resultou provas incontestáveis da sobrevivência do espírito após a morte; em Lombroso, um dos maiores criminalistas italianos e ferrenho adversário da teoria espírita, rendido à evidência dos factos; em Oliver Lodge, da Sociedade Real de Londres, reitor da Universidade de Birmingham; em Charles Richet, da Academia de Medicina de Paris. Finalmente, para não alongarmos a lista de centenas de sábios de renome em todos os ramos da atividade humana, em Fechner e Weber, professores na Universidade de Leipzig.

O Dr. Souza Couto, que foi um dos mais notáveis escritores espíritas, conhecedor profundo de tudo quanto se relaciona com o psiquismo, assim escre-

veu sôbre os negadores sistemáticos dos fenômenos psíquicos:

«Cada um faz a apreciação de qualquer assunto pelo prisma personalissimo do seu critério.

Ora, o critério de cada um, como função de elementos variadissimos, noções, interêsses, organização lógica, etc., diverge de indivíduo para indivíduo, numa incontável variedade de fórmas.

Para uns, o pleito é dirimido *à priori*: tratando-se de um facto que reputam impossível, como tal altamente o proclamam, e, ou não entram em controvérsia sôbre êle, ou recorrem sempre a essa impossibilidade dogmática, pondo de parte a adversa afirmação positiva.

Esta forma de raciocínio tem inúmeros prosélitos entre os comodistas, os pertinazes, os pretenciosos de todas as idades e posições que se envaidecem na presunção de possuirem a oniscência.

Em seu entender, a natureza desvendou o último mistério e a ciência disse a última palavra.

Há indivíduos considerados doutos, e o que é mais, cultores de uma especialidade, que julgam encontrar nela a chave de todos os enigmas e solução a todos os inquéritos.

Com este modo de julgar, o progresso nunca teria dado um passo, nem teria vencido os obstáculos, que em todas as épocas lhe levantou a pobreza de tais conjecturas.

Para outros, a dúvida sistemática, esta dúvida que podemos chamar imprudente, no sentido originário do termo, satura-lhes todas as faculdades mentais, e com ela, como numa ambiência suspeita, o raciocínio não se aclara, a dedução nítida não se produz.

Para estes, os factos não são realidades; todos os investigadores mentem; todos têm interêsse ou falta de probidade; os nomes mais ilustres, as capacidades mais provadas, se deixam sugestionar por uma idéia, embora falsa, e não podem aniquilar a sua influência.

O que podemos afirmar é que uns e outros, os que negam e os que duvidam, nenhum esfôrço fazem para adquirir uma convicção fundamentada sôbre tal assunto.

Discutem-no e julgam-no segundo os preconceitos ou segundo as noções que constituem o fundo da sua mentalidade, imaginando-se habilitados a formar um juizo seguro ou ter um voto decisivo no problema.

Mas se os interrogamos sôbre as obras especiais que leram, declaram categoricamente que nada têm lido ou que não querem lêr. Sôbre experiências pessoais, a mesma resposta: não as têm feito, nem pretendem fazê-las; têm receio de se desorientarem; temem ficar dominados, subjugados nas suas faculdades intelectuais. Outros há ainda que supõem estes fenômenos sobrenaturais, e por isso os não estudam. É preciso reagir contra esta falsa idéia.

A ninguém afugente a idéia do sobrenatural. Milhares de vezes se há afirmado que o sobrenatural não existe: tudo é natural, subordinado a leis imutáveis da natureza, que não tem caprichos, que nunca os teve nem os terá.

Sempre assim sucedeu; enquanto um fenômeno parece contrariar ou derrogar as leis naturais, classifica-se de sobrenatural, mas desde que se reconhece que as leis reguladoras dele são constantes, deixa perder aquele carácter.

É por isso que os modernos investigadores, que têm estudado os fenômenos psíquicos e suas condições, repelem completamente a denominação de sobrenaturais.

As experiências que se têm realizado sôbre a transmissão do pensamento, nos estados propícios, quer a perto, quer a distância, a influência que alguns indivíduos podem exercer sôbre certas pessoas sensitivas, a visão a distância, as manifestações da fôrça psíquica pela percussão, levitação, os fenômenos de materializações, de aports, de escrita direta, etc., revelando uma inteligência são hoje do domínio da ciência positiva, de um ramo da biologia, já que sôbre eles se podem exercer os sentidos e os processos de investigação.

Não há pois sobrenatural.

Temos lido um grande número de crítica sôbre os fenômenos psíquicos, quer em livros, quer em artigos dispersos e várias publicações; e bem dolorosa é a impressão sentida perante a incompetência acusada em todos êsses trabalhos.

Um grande e comum defeito em todos eles: sempre a mesma falta de cultura específica, a mesma ausência de experimentação pessoal.

Não seria muito mais razoavel estudar bem um assunto antes de for-

mular sôbre êle prematura convicção?

Não será este o caminho naturalmente indicado pelo bom senso; pela própria necessidade científica, que prefere os factos ás negações, pois é sôbre êles que tem de fundar o seu edifício?»

O único meio prático, natural, do incrédulo ou do negador sistemático sair da sua situação precária relativamente aos fenômenos psíquicos é estudar os livros básicos da doutrina espírita e fazer experiências psíquicas, estudando-as sem aquêle espírito de preconceito acadêmico ou religioso, com o propósito de encontrar a verdade, como o fizeram inúmeros dos mais notáveis sábios.

Três Médiuns

Por Ismael Gomes Braga

X

O médium é um missionário e está sujeito a quedas como todos os outros. Os três médiuns que formam objeto dêste nosso modesto estudo têm suportado tremendas acusações das trevas e as têm vencido com humildade até o momento em que escrevemos, em Julho de 1950. Praza a Deus continuem vitoriosos sempre até o fim de suas gloriosas e dolorosas missões. Mas se assim não for, se tiverem a desventura de falharem no futuro ou de serem obscurecidos pelos ataques dos adversários, tais factos já não afetariam a realidade presente, sôbre a qual nos baseamos.

Nosso dever era sómente de juntar nosso depoimento a tantos outros de pessoas mais autorizadas do que nós, em todos os países e em todos os tempos, a fim de lembrarmos que o Espiritismo é a Revelação perene que se renova sempre e por isto mesmo nunca será um corpo de teorias velhas, baseadas em textos antigos e inseguros. Êle se funda sôbre factos bem observados e que se repetem sempre, como as teorias científicas mais sólidas, que podem ser alteradas em seus pormenores pelo conhecimento de novos aspectos dos mesmos factos, têm que ser enriquecidas sempre, por novas descobertas, mas nunca serão anuladas em sua própria estrutura. Vemos, por exemplo, a Astronomia: quantas descobertas já foram feitas depois que Copérnico publicou o livro «*De Revolutionibus Orbium Coelestium*» (Das Revoluções dos Corpos Celestes), no ano de 1543! Nestes quatrocentos anos as descobertas dos astrônomos são imensas, mas a teoria de Copérnico vem sendo sempre confirmada, porque foi baseada em factos eternos e bem observados que se reproduzem sempre no Universo; é uma teoria científica, sempre verificável pelos estudiosos.

O Espiritismo igualmente se baseia em fenômenos naturais, ainda que de natureza completamente diferente dos factos da mecânica celeste, estudada pelos astrônomos, porque os fenômenos do Espiritismo dependem de vontade livre, de livre arbitrio dos Espíritos, como as obras de arte dependem da vontade dos artistas, mas são factos inegáveis, porque têm existido muitos artistas que produziram e produzem obras de arte. Ninguém póde negar a existência da escultura, embora a imensa maioria dos homens não sejam escultores. Ninguém póde negar, diante dos factos, a existência da mediunidade superior, por serem raros os grandes médiuns.

Já dissemos, no início dêste trabalho, que há presentemente no Brasil muitos outros médiuns notáveis, e se mencionamos aquí sómente factos de nossa observação pessoal com três médiuns contemporâneos, é porque pretendemos apenas registar nosso depoimento e não passar em revista a mediunidade e muito menos preparar uma nova *codificaçãozinha* à imagem e semelhança da obra de nosso Mestre.

Pelos factos registrados nêste trabalho, contudo, podemos encontrar a confirmação de uma literatura imensa que lemos em perto de quarenta anos de estudo de Espiritismo. Lemos obras de estudiosos sérios e respeitáveis do Brasil, da França, da Inglaterra, da Alemanha, dos Estados Unidos, da Argentina, da Rússia, da Polônia, do Japão, das Índias, da Islândia etc. e neles encontramos confirmação de factos antigos re-

gistados na Bíblia e em outros livros sagrados, factos que serviram de fundamento ás religiões tradicionais.

Os três aspectos do Espiritismo — ciência, filosofia e religião — ficam confirmados pela obra dos três médiuns aquí tão rapidamente mencionada: vemos que os factos observados são de natureza científica e têm que ser estudados com o rigor da experimentação; que eles nos dão o corpo de conhecimentos necessários à compreensão de numerosos fenômenos da vida e do universo, como precioso sistema filosófico; que nos conduzem à adoração do Criador, à moral evangélica, á prece, como a Religião.

Quando os homens compreenderem toda a imensa significação do Espiritismo, será êste o ramo de saber mais entusiástica e cuidadosamente estudado por todos nós, porque revela ao homem os seus verdadeiros interêsses, passando para segunda plana todos os outros interêsses como segundários e passageiros, indígnos de grande atenção. Compreenderá o homem, então, o único meio de evitar os seus males, exterminando-lhes as raízes do terreno do seu próprio sêr, pela moralização de sua própria conduta; não combaterá mais ilusóriamente os sintômas externos, no anseio infantil de fugir aos efeitos, conservando as causas. O progresso é a lei e essa alta compreensão dos fenômenos espírítas há de chegar um dia e nêsse dia se transformará a Terra em mundo feliz.

Não somos pessimista, mas temos de confessar que essa compreensão ainda não existe senão para raros indivíduos. Ao contacto com os três médiuns que mencionamos nestes modestos artigos, sofremos a dor imensa de verificar como são recebidas essas dádivas do céu pela maioria dos nossos contemporâneos. Uns duvidam de tudo e tentam os processos mais ingênuos e ridículos de explicar os factos sem a intervenção dos Espíritos, admitindo hipóteses as mais absurdas e que só poderiam, quando muito, aplicar-se a uma parte limitada dos fenômenos e deixariam sem explicação alguma uma infinidade de pormenores que tais críticos não conseguem vêr, dado o seu estado de cegueira intelectual. A maioria não ambiciona mais das sessões do que tratar de seus interêsses aparentes e imediatos: cura de enfermidades, consolação pela perda de parentes, informações sôbre determinados assuntos materiais, ajuda em seus negocios e projétos, conselhos e orientação para aplicação prática, isto é, combater efeitos sem atacar nem pretender conhecer as causas. Outros, precipuamente nas sessões de materializações, só querem divertir-se: palestrar com Espíritos, dizer e ouvir gracejos, receber uma flôr da mão de uma entidade materializada, palestrar com Espíritos de pouca elevação.

Raríssimos são os que se sentem diante de uma sublime Revelação, descida de altas esféras para salvar a humanidade, e compreendem com o devido respeito o sacrifício que fazem os Espíritos superiores em mergulhar nas trevas da Terra, caridosamente, para nos ajudarem a nos libertarmos do materialismo reinante no mundo.

Aos caridosos Espíritos que se submetem a descer às sessões, por vêzes constituidas quase só de levianos e zombeteiros, de desconfiados ou egoistas, com a finalidade superior de nos demonstrar as grandes verdades da vida, exclusivamente em nosso benefício, a êsses Sêres abnegados, fique aqui registada nossa imensa gratidão, nosso eterno reconhecimento pelas esmolas que sua generosidade nos tem trazido tantas vêzes na vida, sem nenhum merecimento nosso. Nosso agradecimento também aos médiuns que têm sido canais para êsses benefícios.

Se é penosa verdade que a maioria dos homens ainda quer do Espiritismo sómente o que êste não lhes pode dar, porque seria dar-lhes sua própria ruína, alguns já compreendem que se acham diante da maior revolução que se poderá processar na superfície do Planeta e serão êstes poucos que hão de conservar e passar às vindouras gerações os tesouros que em nossos dias os Espíritos superiores estão trazendo à Terra.

A dôr fará a sua obra salvadora, nos despertará para a grande realidade da vida eterna, para a lei de causa e efeito, e virá o tempo em que toda a humanidade receberá com o devido respeito os ensinos dos nossos Maiores da espiritualidade. Talvez que êsse tempo não esteja tão longe como parece. Deus dispõe de recursos e processos que nós não podemos prever.

A sobrevivência da alma humana está rigorosa e sobejamente demonstra-

da em nosso século de materialismo desenfreado. Se assistimos à derrocada de velhas crenças que já dominaram o mundo e ao domínio do materialismo ateu dos nossos dias, assistimos igualmente ao nascimento de uma nova Era de conhecimentos inabaláveis da verdade espiritualista que há de salvar o mundo.

Os depositários humanos da Revelação falharam em sua missão, descambaram pelo abismo das negações e lançaram o mundo nas trevas do ódio dos diversos sistemas materialistas que se degladiam pela conquista da humanidade. Bastaria que às igrejas cristãs no século passado refletissem um pouco mais sôbre os fenômenos espíritas para que compreendessem que êles eram a continuação da Revelação que lhes constitui os alicerces, a fonte de sua própria vida, para que a História houvesse tomado caminho diametralmente oposto ao que tomou. Cumpria às igrejas incorporar os factos espíritas aos seu ensinos antigos, qual nova seiva vivificante, para salvarem o mundo: mas o orgulho não lho permitiu; negaram por todos os modos os fenômenos, sem perceber que estavam minando sua própria fortaleza já meio arruinada. O resultado não poderia ser outro: morreram, tornaram-se múmias com aparência apenas material de éxistência, mas sem vida alguma espiritual, sem nenhuma fôrça para conter o furor da tempestade materialista que crescia. A condenação dos fenômenos espíritas, por parte das igrejas cristãs, foi o suicídio delas. Tudo terá que ser feito de novo lenta, e penosamente; mas a misericórdia divina não abandonou os homens: a paciência dos nossos Maiores parece ilimitada e eterna: ei-los trabalhando sempre e cada vez mais visivelmente para salvar o homem.

A sobrevivência está sobejamente demonstrada e com ela a responsabilidade de todos os nossos atos, palavras e pensamentos. Reflitamos sôbre isso e ponhamos ponto final nestes artigos que já se tornaram demasiado longos.

Espiritismo e Liberdade

PEREIRA GUEDES

Carls Marx publicou o célebre Manifesto Comunista em Janeiro de 1848, oferecendo ao mundo o que há de mais substancial em matéria de política revolucionária, e, a partir dessa data teve início a maior acusação à sociedade burgueza, pondo em perigo a sua existência.

A doutrina de Marx, de fundo puramente materialista, cuja concepção de vida, sem outra indagação fora da existência única do ser, limitou-se à preocupação econômica exclusivamente, por considerar o homem apenas um animal social, com direito à vida circunscrita ao período biologico da existência, do nascimento à morte. Dentro dessa filosofia, perpetrou-se o plano de ação para a igualdade econômica dos povos, preparando-se nas massas proletárias, onde se encontra a maioria dos sacrificados, o movimento revolucionário para a posse do poder político com a implantação do governo pela ditadura do proletariado.

Em 1917, teve início a experiência comunista, nos moldes marxistas, por cuja consolidação ainda hoje se esforçam os maiorais do império soviético, onde tudo é limitado, menos o dever de obediencia, que se torna quase absoluto.

Mais tarde, em 18 de abril de 1857, Allan Kardec lançou à publicidade o «Livro dos Espíritos», tal como o Manifesto de Marx, como base filosofica de uma doutrina também revolucionária na esfera social da humanidade cristã, principalmente.

Surge com o «Livro dos Espíritos» uma nova concepção filosófica da vida, vista através de um plano superior, que é a imortalidade e a comunicabilidade dos espíritos, após a morte do corpo, com os chamados vivos da Terra.

Se Kardec tivesse, no entusiasmo de sua mocidade, acompanhado as pégadas de Carlos Marx, com a codificação da doutrina espírita, teria abandonado o Mestre, deixando-o na retaguarda da nova concepção, visto que as provas das existências sucessivas e a comunicabilidade dos espíritos teriam feito ruir os castelos idealizados pelos que acreditavam na solução de problemas, cujas razões se estendem a muitas existências e que impossivel se tornaria realiza-los num só perio-

do de vida biológica, na escala da evoção.

«NAS DIFERENTES CATEGORIAS DE MUNDOS HABITADOS, A TERRA PERTENCE A' DOS MUNDOS DE EXPIAÇÃO E PROVAS, RAZÃO POR QUE AÍ VIVE O HOMEM A BRAÇOS COM TANTAS MISÉRIAS», disse Allan Kardec, e, sofrendo, acrescentamos nós, as consequencias provindas da insolubilidade de inúmeros problemas, fora da concepção da multiplicidade das existências, como seja, o econômico que tantas lutas doutrinárias vem provocando no seio de todas as comunidades.

Não vemos por onde se possam apegar para contestar que não seja realmente a Terra, um planeta de provas e expiação. Tudo indica, entretanto, que estamos evoluindo; não obstante as tentativas realizadas no sentido da igualdade econômica, os fracassos imediatos comprovam a impossibilidade desse objetivo. Por que? Simplesmente porque a vida não está circunscrita ao insignificante período de uma existência. Passo a passo, porém, havemos de acumular reservas morais suficientes para o equilíbrio social, estabelendo-se então, no seio da comunidade terrena, a ordem que repousará sôbre os alicerces do direito conquistado.

Quanto a desigualdade das riquezas é um dos problemas, diz «O Evangelho Segundo o Espiritismo», página 211, edição de 1923, tradução de Antonio Lima:

> «A desigualdade das riquezas é um dos problemas que se procurará em vão resolver, enquanto se admitir sómente a vida atual. A primeira questão que se apresenta ao raciocínio é a seguinte: Por que não são todos os homens igualmente ricos? Pela muito simples razão *de não serem igualmente ativos, inteligentes e laboriosos para adquirir, sóbrios e previdentes para conservar.*
>
> Além disso, é ponto matemáticamente demonstrado que a fortuna repartida igualmente daria a cada pessoa uma parte mínima e insuficiente; que, supondo essa divisão feita, o equilíbrio se romperia em pouco tempo pela diversidade dos caracteres e das aptidões; que, supondo-a possível e duradoura, tendo todos apenas os meios necessários para a subsistência, a partilha produziria o aniquilamento dos grandes trabalhos; supondo que tal distribuição dés-se o necessário a cada um, desapareceria o aguilhão que impele o homem para as emprezas úteis e grandes descobrimentos».

Para que se compreenda o alcance do que acima transcrevemos, é necessário que não nos afastemos do senso comum, e, considerando a época em que se esboçavam os primeiros movimentos de reação contra o capitalismo escravizador, combatido, teoricamente, pela doutrina marxista.

Aqueles que só compreendem a vida limitada ao curso de uma só existência, não poderão aceitar que se admita justiça na desigualdade das riquezas, se somos todos irmãos; por isso, voltados para os princípios de igualdade, fraternidade e liberdade, se atiram ás lutas fratricidas, pressupondo concretizar, pela violência, o que só pela evolução lenta e por isso segura, se conseguirá. Porém, aqueles que assim procedem, muito embora retardem a própria caminhada, cooperam sempre no sentido de despertar o mundo para maior compreensão da vida em comum, quanto aos direitos a tudo que a natureza indica ser propriedade de todos.

Uma vez demonstrado que as riquezas repartidas igualmente para todos os habitantes da Terra, não promoveriam a felicidade do gênero humano, resta-nos tomar, definitivamente, orientação contrária, isto é, incentivar no espírito de todos os povos a necessidade da melhor e mais perfeita compreensão da vida que, em um mundo de expiação, só teremos, realmente, solucionados os nossos problemas, quando houvermos adquirido, pela evolução espiritual, os necessários recursos morais que só se efetivam pelo trabalho e pelo estudo, sofrendo e lutando, em vidas sucessivas, porque tal é a lei.

Admitimos, com toda convicção, que o Estado virá a ser no futuro o patrão de todos os cidadãos, mas, sómente quando atingirmos um gráu superior de evolução e nunca pela violência, como aconteceu na União Soviética, conforme relata André Gide, em seu interessante livro «DE VOLTA DA U. R. S. S.», neste curioso período, página 47:

> «Na U. R. S. S., está resolvido, de antemão e definitivamente, que sôbre todas as coisas, sejam quais forem, não poderá haver mais de uma opinião. De resto, as criaturas têm o espírito talhado de tal geito que o conformis-

mo para elas se torna fácil, natural, insensível. Não creio que o aceitem por hipocrisia. Foram, então, aquelas criaturas que fizeram a revolução? Não; a revolução foi feita para aquelas criaturas. Todas as manhãs, a PRAVDA lhes diz o que convem saber, pensar, acreditar. E não é bom exigir mais! De modo que quando se conversa com um russo, é como se se conversasse com todos. Não que cada um obedeça a uma palavra de ordem; mas tudo está arranjado de maneira que não é possível nenhuma disparidade. Imaginem que a preparação do espírito começa desde a mais tenra infância...»

Não queremos de modo algum, fazer do Espiritismo uma bandeira política; mas, queremos e por isso devemos provar que a Doutrina Espírita só poderá ter ação real e eficiente, num clima de liberdade.

Se amanhã, por exemplo, tivessemos a desventura de nos ver governados por um regime autoritário, e que as nossas opiniões tivessem que ser bitoladas por um órgão sob a orientação do governo, não gozariamos a relativa liberdade a que já estamos habituados, não obstante estarmos sob a ação de uma pseudo democracia, ou seja, a tão malsinada *«democracia-cristã-ocidental»*, mas, onde todos, felizmente, podem pensar e agir diferentemente, até do próprio governo.

A Doutrina Espírita, apesar de revolucionária, como filosofia, contrária, sob todos os pontos de vista, aos preconceitos religiosos e aos estreitos cânones doutrinários do materialismo enfatuado de ciência, será sempre pacifista, pois, só em ambiente de paz poderá o espírito alcandorar-se a planos superiores, libertando-se, tanto quanto lhe é possível das amarras que ainda o prendem ao pelourinho da prova e da expiação, que é o mundo em que vivemos e no qual havemos de progredir.

Façamos do Espiritismo a nossa bandeira de liberdade, e, nêsse dia que já vem perto, o da nossa libertação espiritual, teremos solucionados todos os problemas, inclusive o da nossa maior preocupação — o da LIBERDADE.

A Instrução do Médium e sua Importância Social

J. B. Chagas

No estudo do Espiritismo, é de capital importância a instrução do médium, uma vez que nenhuma manifestação se opera sem o seu concurso. Faculdade soberana, é qual faca de dois gumes, que pode elevar a criatura aos páramos celestes, como pode também conduzí-la ao cadinho das dôres mais atrozes, caso não lhe dê o devido apreço e consideração.

A Antiguidade, ignorando a transcendência da faculdade e da sua própria essência e grandeza; o seu alcance divino, e julgando pelas aparências, considerou muitos médiuns como deuses ou semideuses, tais as coisas que se realizavam por seu intermédio. Enquanto outros foram considerados feiticeiros e bruxos, pagando com a vida, o terem escolhido vir à Terra para o desempenho dessa abnegada missão.

Competia, portanto, ao Século XX, pôr as coisas nos seus devidos têrmos e por intermédio dos médiuns revelar aos homens um grande segrêdo, até então ignorado — o segrêdo da imortalidade! A princípio, manifestações insólitas, ruídos disparatados, movimentos de móveis, tais como pianos, mesas, sofás, etc., sem causa aparente, assombrando as pessoas tímidas; depois, a descoberta da causa produtora dos fenômenos, porque como é sabido — *todo o efeito tem causa*, e a consequente descoberta, afinal, das leis que os regiam, com a sua subordinação a regras e métodos judiciosos, por último. Os médiuns seriam os intermediários entre os dois planos; seriam o élo a ligar as duas humanidades, a visível e a invisível—a ponte admirável, por meio da qual viria a se estabelecer a permuta de emoções, idéias e pensamentos, entre os vivos e os supostos mortos. Supririam nos Espíritos a falta dos orgãos materiais para a transmissão das suas instruções, mensagens e ensinamentos. Caberia-lhes, nos tempos atuais de renovação social e moral, especialíssima missão; seriam quais árvores, destinadas a fornecer alimento espiritual aos

seus irmãos, como êles, encarnados no Planeta. Essa uma das razões porque se multiplicam em número por toda parte, em todos os paízes, em todas as classes sociais, entre os ricos e os pobres, afim de que por toda parte, abunde o alimento e em nenhum ponto faltem, patenteiando assim a misericórdia de Deus para com os seus diletos filhos desterrados, momentaneamente, neste grande *vale de lágrimas*, que é a Terra!...

Como toda coisa séria, estaria sujeita a mediunidade a ser desviada do seu objetivo providencial, carecendo por isso ser tratada, cultivada com amôr e carinho. Incipiente, a princípio, cheia de tropeços, perigos e escolhos, mortificando sempre os que a possuem, quando a empregam em coisas fúteis, prejudiciais ou a põem a serviço dos interesses mundanos; só dará frutos máus em vez de sazonados.

A mediunidade pareceu a muitos uma enfermidade, uma psicose, consequente a um distúrbio orgânico do *de cujus*, suposição que ainda não desapareceu de todo. Muito concorreu para êsse julgamento a mediunidade expontânea ou explosiva, isto é, quando ela surgia inesperadamente em pessoas que nada sentiam antes, até em débeis crianças, como nos casos ultimamente noticiados pela imprensa, considerados prodígios. E como tudo que é explosivo, ela careceria de ser disciplinada, com o auxílio de um trabalho difícil e acurado levando em consideração as tarefas a cada um atribuida, ou seja a faceta da mediunidade, que teriam os médiuns a desempenhar nos tempos modernos de renovação social que estamos vivendo.

A êsse trabalho felizmente não tem faltado o concurso prestimoso dos espíritos instrutores, carinhosos guias e mentores. Valem-se êles de processos bem originais, ora atuando sôbre o cérebro, ora sôbre as córdas vocais, por meio de sinais, símbolos ou ruídos, cada um com uma significação própria.

As *chamadas escolas de médiuns*, nada mais fazem do que coordenarem e, disciplinando essa instrução, educarem os mediuns preparando-os para o desempenho da sua delicada quão preciosa faculdade. Trabalho delicado e dificílimo, porque cada indivíduo é possuidor de um temperamento, que lhe é característico, próprio, variando ao Infinito as sutilidades da mediunidade. Por essa razão que a mesma instrução não serve igualmente para todos. Para cada um, não será exagero afirmar, um método especial, cabendo ao que instrue a escolha preferencial para cada caso particular.

E do seu concurso prestimoso junto às criaturas, resultará um grande proveito para todos em geral, auxiliando, enfim, o progresso do mundo, no terreno das descobertas, porque por seu intermédio se realizarão fenômenos que jamais poderão ser negados ou sofismados, tal a sua evidência, muito especialmente pelos materialistas que continuam não encontrando, na *ponta do bisturí*, a alma ou espírito...

O médium não será jamais considerado um ser aparte na sociedade, mas sim, pelo contrário, elemento de regeneração e de progresso, respeitado e procurado por todos, porque surgiram no Mundo como colaboradores de Deus, e porque por seu intermédio descerão até nós *as virtudes do céu* — os espíritos do Senhor! Não vieram para combater nem a Religião nem a Medicina, mas sim dar um novo sentido a ambas, consentâneo com o estado de adiantamento espiritual que já atingiu a humanidade da nossa época.

Quando fôr perfeitamente compreendida a missão do médium, o mundo terá entrado num período de paz, de progresso e de prosperidade, porque a vontade do Pai se fará sentir aos homens mais claramente, do que não o fôra no passado.

E', não resta dúvida, o derrame do «Espírito do Senhor sôbre toda a carne», como preceituam as Escrituras.

Nova Iguaçú, Agosto, 1950.

A fé inabalável é sómente aquela que póde encarar a razão face a face, em toda as épocas da humanidade; á fé precisa uma base e esta é a inteligência perfeita do que se deve crêr; para crêr, não basta ver, é preciso compreender; a fé cega não é mais dêste século; ora, é precisamente o dogma da fé cega que produz hoje o maior número de incrédulos, por querer impor-se, exigindo a alienação das mais preciosas faculdades do homem: o raciocínio e o livre arbitrio. — ALLAN KARDEC.

Ensinando

(NOTA — para o leitor: pedi ao meu Guia que me désse uma explicação, ainda que sucinta, sôbre o progresso dos espíritos no Espaço e uma idéia geral de um dos mundos físicos imediatamente acima da terra na escala evolutiva).

*
* *

O progresso no Espaço é muitissimo mais rápido que na terra; poder-se-á fazer aquí, em dez anos, o que não se faria aí em cem; a condição é que já se tenha alcançado determinado nível moral e espiritual e que o espírito se submeta, sem tergiversações, aos conselhos e lições de seus Protetores e sempre trabalhando e estudando muito.

Há, entretanto, certas dívidas e faltas que têm que se pagar aí na terra porque dependem de provas materiais e ás vezes de reparações que se devem áqueles que foram por nós prejudicados. Saldadas essas, o necessário progresso para a promoção a outros mundos melhores póde ser obtido aquí no Espaço com muito maior rapidez e facilidade.

Certas imperfeições e defeitos de que ainda não se despojou o espírito serão facilmente corrigidos aquí.

E' trabalhando e estudando muito que o espírito obterá conhecimento e méritos que o habilitarão a reincarnar em mundos melhores e mais adiantados, onde não há as mesquinhas competições da terra nem as dôres e os sofrimentos físicos e morais que por aí campeam. Tudo é paz e felicidade e todos se esforçam ao máximo para cumprir seus deveres e para se auxiliarem mutuamente. As preocupações e as ambições são muito nobres, pois cifram-se numa só coisa: aperfeiçoar-se.

A vida material é fácil, todos têm o suficiente para viver a coberto de privações porque a organização social é adiantadissima e não há injustiças embora haja a indispensável gradação hierárquica; mas lá os postos mais elevados são ocupados exclusivamente pelos mais capazes, pois não há injustiças nem proteção. E quando digo capazes me refiro à capacidade intelectual, moral e espiritual.

O trabalho toca a todos e não há desocupados, todos o compreendem como uma benção de Deus e como uma necessidade.

O corpo é muito semelhante ao vosso aí na terra, apenas a matéria que o constitúe é muito menos grosseira, os órgãos são muito mais aperfeiçoados, de sorte que não há moléstias como aí na terra; as pequenas enfermidades que aparecem são rapidamente curadas por meio de remédios aperfeiçoadissimos, de passes e de água fluidificada.

A alimentação sadia e a pureza do ar garantem muita saúde e muito bem estar físico a todos, mesmo porque ninguém pratica os excessos que, aí em vosso planeta, tanto prejudicam vossa saúde e também porque já não é mais um mundo de provas mas de aperfeiçoamento.

Os princípios morais e espirituais que regem êsse mundo são muito elevados, de sorte que todos compreendem claramente seus deveres e todos o cumprem religiosamente, de maneira que não há prisões, nem há os desviados e enfêrmos físicos, morais e espirituais que enxameiam pela terra.

Póde-se ter uma idéia geral dêsse mundo considerando que a organização da terra é uma cópia muito mal feita e cheia de imperfeições do que lá existe.

E êsse mundo a que me refiro, que é a primeira escala acima da terra, muito longe está da maravilhosa perfeição que apresentam outros mundos mais adiantados.

Há milhões e milhões de mundos pelos Universos que Deus criou; de uma mesma categoria há vários, na mesma condição da terra, há muitos, como muitos há iguais ao que descrevi.

A' proporção que o espírito se aperfeiçôa, vai adquirindo o direito de habitar cada vez mundos mais e mais adiantados; entretanto, na sua infinita bondade, Deus permite que a variação de felicidade entre um mundo e o que lhe é imediatamente superior seja imensa.

Assim, os que deixam a terra, depois de cumpridas suas indispensáveis incarnações, por já terem chegado a um determinado nível de evolução moral e espiritual, têm autorização para reincarnar num mundo imediatamente superior, onde vão ocupar um lugar modesto e humilde (mas que é muito superior ao que há de melhor na terra); por meio de várias reincarnações vão se aperfeiçoando até atingir uma elevada posição espiritual e moral. Já agora se terão habilitado a uma nova promoção para um mundo ainda melhor e assim por diante.

O número de incarnações em cada mundo depende exclusivamente do esfôrço que o espírito faz para melhorar-se e aperfeiçoar-se.

Há os que se incarnam muitas e muitas vezes na terra e, porque nada progridem, têm que voltar a um mundo inferior para melhor se prepararem e como é triste e doloroso êsse degrêdo!

Há os que só após dezenas de reincarnações na terra conseguem obter os necessários progressos que lhes confiram o direito a uma promoção a um mundo melhor.

E há, finalmente, os que porque muito trabalharam pelo seu progresso, bem depressa atingem o nível mìnimo exigido e ao fim de poucas incarnações recebem o venturoso prêmio que é a autorização para nunca mais voltar à terra, sendo-lhes designado um mundo da categoria do que descreví.

Mas entre a última incarnação na terra e primeira no mundo imediatamente acima, medeia um largo espaço de tempo, em que o espírito permanece aqui no Espaço despojando-se de certos defeitos e imperfeições, adquirindo novos conhecimentos, para que possa então seguir o seu feliz destino.

Aliás êsse estágio aqui no Espaço sempre se verifica entre duas incarnações sucessivas, quer sejam no mesmo mundo, quer em mundos diferentes.

Que Deus, na sua infinita misericórdia, permita que cumprais sempre o vosso dever, por penoso e dificil que seja, para que bem depressa vos liberteis de vossos débitos e vos possais forrar a novas incarnações aì na terra.

Lembrai-vos sempre que o gênero de vida que cada um escolheu (refiro-me aos que já conquistaram o privilégio de escolher) é o caminho mais curto que o espírito encontrou para ressarcir suas dívidas. O mais curto mas nem sempre o mais facil.

Lembrai-vos também que a infinita bondade de nosso Pai Celeste sempre multiplica por mil o mérito de nossas intenções puras e elevadas.

Que a graça de Deus e de Jesus e o auxílio de vossos protetores possam sempre inspirar-vos e guiar-vos de sorte a que nunca fujais ao vosso dever e ao cumprimento das promessas que fizesteis antes de reincarnar.

A graça de Deus, por Seus Emissários, a todos ajuda, mas lembrai-vos que apenas podemos aconselhar e sugerir porque é sagrado o livre arbítrio de cada um; e porque todos nós dispomos de liberdade de escolha, temos tambem a responsabilidade de todos os nossos atos.

Louvados e benditos por todos os séculos sejam o santo nome de Deus e de Jesus Cristo.

LUCAS.

1950.

(Comunicação recebida pelo médium P. L.)

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr. $50,00	Do 4.º ano Cr.$ 50,00	Do 5.º ano Cr.$ 50,00
Do 6.º ano . . 50,00	Do 7.º ano . . 50,00	Do 8.º ano . . 50,00
Do 10.º ano . . 50,00	Do 11.º ano . . 60,00	Do 12.º ano . . 60,00
Do 13.º ano . . 60,00	Do 14.º ano . . 60,00	Do 15.º ano . . 70,00
Do 16.º ano . . 80.00	Do 17.º ano . . 60.00	Do 18.º ano . . 60.00
Do 19.º ano . . 60,00	Do 20.º ano . . 60,00	Do 21.º ano . . 60,00
Do 22.º ano . . 60,00	Do 23.º ano . . 60,00	Do 24.º ano . . 60,00

A Verdadeira Escola do Carácter

ARNALDO S. THIAGO

TEM-SE dito inúmeras vêzes que a reforma de base da sociedade terrena, a reforma que realmente trará como consequência a passagem para mundo de regeneração, do nosso atual inferno de expiações dolorosas, que é a terra, consistirá exclusivamente na regeneração individual, isto é, importa que cada um de nós se reforme intimamente, para que se verifique, então, *a posteriori*, a reforma da sociedade.

Êste conceito é axiomático a dentro do Espiritismo.

Como se poderá conseguir, é o caso de perguntarmos, essa regeneração individual, se o mundo ainda é constituido em sua tremenda maioria de indivíduos que só cuidam de seus interêsses individuais, interêsses que em sua quase exclusividade limitam-se à conquista dos gozos materiais, do confôrto, da boa alimentação, dos prazeres da carne, das festas, da boa roupa, etc., etc.,?

Nêsse meio social envenenado por preocupações obsidiantes dessa natureza, o pobre espírito que se encarna, para expiar faltas do passado, na Terra só encontra fôrças que o procuram adaptar aos costumes inferiores que ainda caracterizam tal meio social. Ou adatar-se ou morrer; ou adatar-se ou definhar; ou adatar-se ou ser considerado excêntrico, cismático, *idealista*, *poeta*, no sentido pejorativo que se dá a estas últimas expressões grifadas.

Tenho-me aplicado últimamente, depois que totalmente abri os olhos para ver a horrível desgraça do mundo, não mais apenas para cair no cepticismo que a princípio, quando eu era ainda moço, causou-me tal constatação, mas para conhecer a verdade e, conhecendo-a, saber pronunciar-me a respeito do problema, saber agir em benefício dos meus irmãos; tenho-me aplicado, dizia, ultimamente à observação e à análise do índice mental, conscencial dos nossos irmãos terrenos. A minha verificação, referindo-se já a milhares de casos, permite-me uma conclusão pouco satisfatória: a consciência é asfixiada, regra geral, entre os homens que, mais do que nunca, *tratam de parecer e não de ser.*

Nada se poderá construir de prático, em têrmos de regeneração, sôbre essa base.

Ou a família, com a mulher á frente, salva o gênero humano, ou a justiça de Deus procederá com a humanidade como ao tempo de Sodoma e Gomorra. A bomba atômica aí está, bem nitidamente, para dirimir o problema. Nunca se fez sentir de modo tão claro como hoje em dia, a verdade do prolòquio salomônico: «O temor de Deus é o princípio da sabedoria». Esta humanidade não sabe nem de longe ainda amar a Deus! Só se lhe pedem benesses materiais! A vida, na carne, é o que preocupa, na família e na sociedade: daí o dinheiro continuar a ser o «deus ex-maquina» que tudo resolve! Conquistá-lo é a preocupação máxima do homem moderno.

A primeira incumbência, aquela que deve preterir a todas as outras, do espírita, é a educação da prole. Se não a tiver de seu próprio sangue, reuna alguns órfãos e constitua com êles a sua família. Esta questão de consanguinidade, para os espíritas, se não é secundária, porque dizê-lo seria afirmar uma inverdade e ir contra a natureza, é, pelo menos, de importância relativa. A prova está em que, nas famílias espíritas, o adotivo goza das mesmissimas prerrogativas do filho legítimo.

Constituida a prole de uma ou de outra forma, o essencial é dar-lhe educação — e esta repousa exclusivamente no amor: o amor de salvação e não de perdição; o amor que sacrifica os bens fungíveis para que se prevaleçam os eternos.

Se me perguntarem com que autoridade digo estas cousas, responderei: com a autoridade da minha condição de chefe de numerosa família, malbaratada, é certo, pela organização social, na qual jamais encontrei estímulos para a realização do trabalho que Deus me confiou, mas amparada pela misericórdia divina que sempre, no instante necessário, acudiu aos meus sentidos apêlos. E se hoje

posso volver os meus olhos em tôrno e vêr os meus doze filhos aplicados ao trabalho melhor e mais frutuoso, em espírito, que a Terra nos oferece e que é êsse da educação, sob a égide do Espiritismo, que lhes inoculei nas almas com os arrebatamentos da minha fé sincera e humilde, devo-o à resistência constante, extremada, violenta, por vezes, que sempre opús à terrível atração do meio humano em que o demônio do mesquinho interêsse imediato, material, tudo supera.

Preferi dar-lhes uma existência doméstica pobre e sem grandes atrativos materiais. Nem sempre operando, talvez, rigorosamente, graças à minha exclusiva vontade, mas sempre graças ao princípio do amor que nos liga a todas as criaturas de Deus, por toda a eternidade; princípio que age sob o influxo da Divina Providência, através de circunstâncias que independem da vontade móvel do homem, pude prodigalizar-lhes, sôbre a base dos ensinos evangélicos à luz do Espiritismo, instrução superior, cada um de acôrdo com as suas tendências, de modo que, ao se sentirem aptos à formação do lar, isso o fizeram, reconhecendo que o primeiro dever do espírita é fazer algum sacrifício pelo bem real do próximo, que é salvá-lo das baixas atrações mundanas — o que só a família sabe-o fazer com pleno êxito.

Só a família, exclusivamente a família, educa para a eternidade. Isso decorre da circunstância de que só na família o homem de bem pode dizer tudo o que sente e usar de absoluta franqueza, *sem desligar-se dos que o ouvem.*

Neste sistema de falar com absoluta franqueza, tal como o Cristo nos ensinou («Seja o teu falar sim, sim, não, não»), é que repousa a educação. Os pais que dissimulam ou que ocultam dos filhos o seu modo de proceder, não são educadores. Organizam apenas associações de auxílio mútuo, quasi que apenas limitadas às cousas terrenas.

A família, no sentido espiritual do têrmo, não é uma organização humana, por isso que ela se amplia indefinidamente pela eternidade afóra.

Que importa que eu e minha esposa tenhamos hoje um lar paupérrimo, no sentido material e que êsse lar, se necessário fôr, passe a funcionar à sombra do lar amigo de um dos filhos? O que importa é que tenhamos afinidade mental e sentimental suficiente para permanecermos unidos por toda a eternidade — e isso o teremos, conservando o vínculo sagrado do amor que só a educação torna resistente a todas as desagregações insinuadas pelas paixões, tão estimuladas no convívio envenenado do meio social.

Se outro houvesse sido o rumo seguido; se tivessemos acumulado bens terrenos, conservando os filhos o quanto mais nos fôsse possível, egoísticamente, para se firmarem economicamente primeiro e só depois constituirem família, hoje talvez tudo estivesse subvertido e trocados os objetivos espirituais do progresso pelos mesquinhos fins da conquista mundana.

Sofrem, lutam. Mas o sofrimento e a luta revigora-lhes o espírito. Rodeados de numerosa prole, ainda no verdor dos anos, medem suas responsabilidades, fixam orientação, reconhecem mais facilmente os objetivos divinos da existência dos homens, aplicam suas fôrças na educação e prometem velar pelos filhos como soubemos velar por êles. Assim compreendemos a família.

Dentro das suas próprias atividades profissionais encontram meios de servir aos outros membros da comunidade humana. Quanto benefício pode um médico concencioso e altruísta fazer ao seus semelhantes! Quantas dôres morais pode um advogado lenir, se êle não quiser ser indiferente aos problemas humanos dos *outros* e compreender que o Direito deve ser orientado pela moral!

E assim por diante, ao mesmo tempo que cumprem o dever primordial de educar eficientemente os filhos — eficiência educativa que sómente na família se pode encontrar, repitamo-lo — os homens de bem vão fazendo o máximo que lhes é possível pelo bem da humanidade, outro dos grandes deveres dos espíritas.

As hecatombes aniquilam corpos. Os males físicos — a lepra, o cancro, a tuberculose... causam inauditos sofrimentos que nos cumpre aliviar a todo o transe, pensando que se fôssemos nós os padecentes desejariamos que outros nos assistissem. Com quanto maior empenho devemos curar das chagas dos espíritos que nos são confiados, pois que todos pertencemos à raça de pecadores, não em consequência

do *pecado original* de Adão e Eva que, ao que parece, não passou da satisfação de uma necessidade biológica, mas em virtude de nossos próprios desfalecimentos em anteriores encarnações e mesmo nesta...

EDUCAR — eis a palavra de ordem de todos os espíritas dignos de tão sagrado título. O trabalho e a verdade são dois tèrmos que se equiparam.

VITAM IMPENDERE VERO!

Rio, 20 de Novembro de 1950.

A Ressurreição de Jesus

Por Romulo Mantovani

I

presente estudo é um dos mais importantes que apresentaremos sôbre o verdadeiro Cristianismo, porque não se trata de interpretação mais ou menos exáta de uma moral ou de uma filosofia qualquer, nem de simples curiosidade histórica e muito menos de um ato de fé cega.

Este estudo põe-nos em face de factos que são a base central de todas as manifestações após a morte; porque devemos estar convencidos de que sem a Ressurreição de Jesus, o Cristianismo, mesmo com a Cruz, ficaria uma simples e sublime moral que se diferençaria muito pouco de certas outras.

Eis porque o nosso estudo é de importância capital. Êle deve revelar-se na verdade. Jesus nos trouxe uma simples moral de vida que êle viveu até à morte, ou se nos trouxe algo de novo: a revelação da *vida eterna para todos.*

A Ressurreição é o que há de mais novo e de mais supra-normal e que pode parecer inverossímil no Evangelho.

Nós a estudaremos, pois, sob todos os seus aspectos, livres de qualquer idéia preconcebida, sustentando-a honestamente com o apôio do conhecimento dos fenômenos supra-normais.

O primeiro facto espiritico que encontramos nos documentos históricos depois da morte física de Jesus, é a aparição de dois anjos.

Três Apóstolos dentre quatro nos contam que, na noite de Sábado os guardas do Sepulcro, após terem ouvido um tremor de terra, viram dois anjos descer do céu, aproximarem-se da pedra do sepulcro, virarem-na e sentarem-se em cima.

Dizem-nos também que os guardas foram tomados de pavor e ficaram mudos, que fugiram, foram a Jerusalém e contaram ao Príncipe dos Padres o que se havia passado.

É preciso notar que não se trata de pobres mulheres enfraquecidas pela tristeza e susceptíveis de alucinação, mas de homens, de soldados, e os soldados da época eram mercenários que faziam tal coisa por profissão, por consequência homens fortes, treinados para todas as fadigas, homens brutais, que não podiam ter sensibilidade de mulher histérica.

Eles tinham instruções severas de guardar o túmulo de Jesus, a fim de impedir que os discípulos viessem roubar o cadáver. Pois bem, estes soldados tiveram de assistir impotentes à manifestação espirítica dos Anjos. Estes não entraram pela porta, mas apareceram subitamente. Trata-se de uma verdadeira aparição de Espíritos. A Escritura diz: «Sua fisionomia era como o clarão, e sua vestimenta como a neve». Isto nos confirma ainda mais que se trata de sêres espirituais e não de sêres humanos.

Para nós, eis incontestavelmente uma aparição de dois espíritos de luz.

No caso de que nos ocupamos, não houve sómente aparição. Estes anjos viraram sem fadiga aparente a pesada pedra do sepulcro e sentam-se em cima. Isto é um facto material que não se pode considerar como alucinação. Esta pedra que normalmente, só podia ser removida por quatro homens reunidos, foi virada por dois sêres fluídicos e o interior do sepulcro ficou vazio.

São factos incontestáveis. De outro modo seria necessário admitir que foram os próprios guardas que o fizeram, o que é inadmissível; porque eles tinham justamente o encargo de vigiar o sepul-

cro. A escritura não diz que os soldados se apavoraram e fugiram.

Que os espíritos possam deslocar um peso enorme, como a grande pedra de um sepulcro, não nos espanta; estamos habituados em nossas sessões espiríticas a ver móveis muito pesados deslocados pela vontade dos espíritos. O nosso piano, por exemplo, que são precisos, pelo menos, dois homens para o deslocar, tem-se movido muitas vezes pela única vontade de um espírito durante as sessões de materialização. É muito fácil para nós, portanto, admitir o deslocamento da pedra pelo Anjo ou pelos Anjos.

Nós damos muita importância a este primeiro fenômeno espirítico após a morte de Jesus, porque nos ocupamos aqui de pessoas que não tiveram nenhuma relação com Êle, que não se podem portanto considerar como alucinadas, nem como cúmplices, que, além disso, são soldados e que se trata de factos materiais verificados; a ação acha-se provada pelo deslocamento da pedra do sepulcro.

Naturalmente, esses factos encerram um grande ensinamento, que é o seguinte:

O Cristo preocupou-se em dar-nos um ensinamento espiritual e para isso teve o cuidado de nada deixar após si do que é material. Mesmo o seu corpo — isso para auxiliar os homens a compreender que ele era sobretudo «espírito», que seu ensinamento era «espiritual» e que o material deve ser sempre dominado pelo espírito.

A pedra do sepulcro simboliza o apego às coisas materiais e todas as preocupações materiais que envolvem a Humanidade.

Ora, é sómente o anjo que pode erguer a pedra. O anjo é o Espírito. E' pois sómente pelo Espírito que a Humanidade poderá desembaraçar-se de todas as suas preocupações materiais e viver na verdadeira felicidade.

Três Evangelistas contam-nos que, nesta mesma manhã, de madrugada, Maria Madalena, Maria, Mãe de Jerónimo, Joana e outras mulheres, encaminharam-se em piedosa peregrinação ao túmulo de Jesus para perfumar o seu corpo.

Num certo ponto do trajeto, Maria Madalena, mais impaciente que as outras, corre adiante para chegar mais depressa e nota que o sepulcro está vazio e vai com rapidez prevenir os discípulos.

As suas companheiras chegaram e Mateus e Marcos nos falam da aparição de um jovem, de um anjo, ao passo que Lucas nos diz:

«E enquanto em suas almas elas estavam consternadas (por encontrarem o túmulo vazio) eis que, perto delas, apareceram dois homens vestidos com hábitos resplandescentes. E como, presas de pânico, elas abaixassem a face para a terra, eles lhes disseram: «Porque procurais entre os mortos Aquêle que está vivo. Êle não está aquí. Êle ressuscitou. Lembrai-vos de que Êle vos disse, quando estava ainda na Galiléia: *É preciso que o Filho do Homem seja abandonado entre as mãos dos pecadores, que êle seja crucificado, e que, ao terceiro dia, ressuscite*». Elas recordaram-se então dessas palavras de Jesus.

Aquí, estamos ainda em presença de uma aparição com voz direta. O jovem, ou os dois, não entraram pela porta, mas foram vistos «aparecer» instantâneamente; são, pois, na verdade, Espíritos. Além disso, as suas vestes confirmam, porque estavam vestidos com roupa branca «resplandescente».

Sem dúvida, nenhum ser humano poderia estar vestido dessa maneira, que é própria dos Espíritos elevados, vindos certamente para preparar os Apóstolos para a aparição de Jesus.

De facto, Mateus diz-nos que as mulheres «sairam em seguida do sepulcro e correram a levar a nova aos discípulos». Enquanto as mulheres iam prevenir os outros Apóstolos, Maria Madalena chegou de novo com Pedro e João, que entraram um após o outro no sepulcro, mas Maria mortificada de dôr parou perto da entrada. Chorando também, curvou-se e olhou para o sepulcro Viu então dois anjos que lhe disseram: «Mulher, porque choras?» Ela respondeu: «Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram».

Tendo dito isso, voltou-se em direção ao jardim e viu Jesus de pé, mas ela não sabia que era Jesus. Êle disse-lhe: «Mulher, porque choras? A quem procurais?».

Ela, pensando que era o jardineiro, disse-lhe: «Senhor se sois vós que o haveis levado, dizei-me onde o haveis posto e o carregarei».

Jesus chama-a então pelo seu nome: Maria.

Ela, voltando-se, exclamou: «Rabboni», o que significa Mestre. Mas Jesus lhe replicou: «Não me toques: Eu subo a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus».

Notemos de passagem que, «mesmo depois de Sua morte corporal, Êle não se considerou como sendo Deus», porque é lógico que, se Êle se considerasse como Deus, não teria afirmado que ia a «Seu e Nosso Deus». E' portanto um êrro tomá-lo por Deus, ao menos no sentido que se lhe dá geralmente.

Êle disse que era Filho de Deus e chamou-nos seus irmãos. Logo, Deus está dentro de nós todos. Entre Êle e nós, não há necessidade de intermediário.

Mas estudemos a aparição, que é notável.

Notemos em primeiro lugar que Jesus não se mostra de chofre.

Faz-se proceder de dois espíritos de luz. Em seguida, não se apresenta diante de Maria Madalena, para não assustá-la, mas faz com que ela volte: «Ela viu Jesus de pé, e ela não sabia que era Êle». Os que conhecem as aparições espiríticas podem compreender a significação dessas palavras que, melhor que outra coisa, nos provam a veracidade da aparição de origem incontestávelmente espirítica.

Quando uma entidade se nos apresenta antes de a reconhecermos pela visão, *sente-se* por irradiação, se se trata de tal ou qual espírito.

Maria Madalena não podia fixá-lo; sentia que era Jesus. A verdadeira revelação não vem do exterior. E' sempre interior, mas a sua razão recusava-se a crer, porque a considerava impossível.

O que não nos engana é a palavra. Foi suficiente que Êle pronunciasse o nome de Maria com a sua voz e o seu magtismo pessoal para que ela não tivesse mais dúvida alguma, e lhe respondesse: «Rabboni».

Jesus foi mais facilmente reconhecido pela palavra que pela aparição. Isto é importante, porque, reconhecido como aparição, poder-se-ia tratar de uma alucinação; mas ser reconhecido pela «sua voz» não nos podemos enganar, temos de admitir que não se trata de alucinação (sobretudo porque Maria, como as outras, julgam isso impossível), mas de materialização de um espírito falante.

Jesus recomenda-lhe expressamente que lhe não toque. Isto nos confirma que esta aparição não é fantasmagórica, mas muito delicada e susceptível de dissolver-se, se lhe tocasse. A mesma recomendação nos é igualmente dada pelos espíritos que se manifestam a primeira vez em nossas sessões; mas em seguida, quando a materialização toma mais consistência e solidez, deixa-se tocar, exatamente como fez Jesus nas aparições que se seguiram.

(Continua).

De «Estudos Psíquicos».

"As Profecias de Daniel e o Apocalípse"

Por LIMA FILHO

«Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação». (2.º Pedro, 1:20).

Assim pensando procedemos a leitura do livro supra e perguntamos:

— «Quem escreveu êste livro foi por acaso um Deus?»

Goethe escreveu no «Fausto», depois de ler as profecias de Nostradamus.

Quando se lêem profecias e se verifica a realização do que, tanto tempo antes, fôra predito, surge, na nossa mente, a pergunta exclamativa de Goethe a exprimir séria admiração e até espanto, perplexidez!

O genial Goethe não achou nas profecias um motivo para sorrir, pelo contrário, como homem positivo, estudioso, perito e pesquisador erudito achou sobrehumano o assunto.

O mesmo podemos afirmar com o livro supra e com razões mais convincentes, irrefutáveis, pois é a soma de factos,

em sua grandeza, no passado e no presente.

«O poder que vem do alto tem um conteúdo todo diverso do concedido de baixo. E' dever e não direito, função e não conquista; ordem e não arbítrio; é sacrifício e missão. A investidura desce sôbre o super-homem que vê o infinito e não admite abusos; entrelaça-se indissolúvel no seu destino; o seu prêmio é eterno, além da vida. A mão de Deus o guia, e êle no seu próprio comando obedece, não procurando mais do que dar para realizar-se a si mesmo. Entrosa o seu trabalho na série das criações históricas dos milênios, pois que nos milênios os homens escolhidos trabalham em cadeia. Ativa na sua fase, em perfeita correspondência com os momentos históricos, precedentes e subsequentes, a eterna evolução social, amadurecendo o passado, antecipando o porvir». Esta a obra de Sir Isaac Newton.

«Newton formulou então a lei da gravitação universal, segundo a qual, a atração entre dois corpos varia diretamente com o produto das massas e inversamente com o quadrado da distância entre eles. A lei de Newton aplica-se não sómente ao movimento dos planetas, mas ao movimento de todos os corpos celestes e também ao movimento dos corpos que se acham na superfície da terra. Ela é universal em sua aplicação a problemas de movimento e é uma das maiores vitórias da inteligência humana».

Onze Professores da Faculdade da Universidade de Rochester afirmam isto no livro — «Uma Orientação na Ciência» por estes escrita, na página 7 da obra que — a descoberta de Newton: «é uma das maiores vitórias da inteligência humana». E isto após três séculos!

Um grande filósofo e cientista — Grove Wilson—afirmára sôbre Isaac Newton o seguinte: «Não resta dúvida, entretanto, que, para quem tenha tempo de lê-las» — as profecias — «com atenção, mostram ser o fruto de uma mentalidade luminosa e invulgar». Sim, Newton, «um velho que havia banido o cáos e estabelecido a ordem no Universo». «No dizer de Grove Wilson, formava com Kepler e Galileu «o trio que havia forçado o Sol e as estrelas a contarem aos homens sua verdadeira história». E' êste o autor do livro que trata das profecias de Daniel e do Apocalípse, em tradução primorosa do Dr. J. A. F., da edição de 1733 e aquí é o Dr. Afrânio Peixoto quem fala — «O novo é velho, mas se é justo, será sempre novo». O feliz e bem inspirado tradutor nos adverte que na leitura dêsse livro—«cuja compreensão requer, na Verdade, um certo apêgo ás coisas espirituais e uma isenção de ânimo raramente encontradiça nos religiosos vulgares, via de regra limitados e intolerantes», sim, é preciso um intenso amor à Verdade e — «Aquêle cujo espírito não se elevar acima das cousas vulgares, siga seu caminho: isto não foi escrito para êle». «Os que absolutamente não sentem estas coisas, os que não estão maduros, fiquem de lado; voltem, mesmo, a envolver-se na lâma de suas baixas aspirações e não procurem o conhecimento. Êste é prêmio concedido sómente a quem o tenha merecido». «Não sabeis que todas as descobertas humanas nasceram da profundidade do Espírito que atingiu o além? De onde vem o lampejo do gênio, a criação da arte, a luz que guia os condutores dos povos, senão dêsse mundo de que vos falo?» Grande Síntese.

Na Bíblia há muitas profecias e entre estas a de Daniel e o Apocalípse são de uma compreensão e profundidade sobrehumana, as quais só pela revelação do além serão, para nós, compreensíveis; a profecia é um dom (1: Cor. 12:4 a 12), Paulo o Apóstolo nos adverte – «Não desprezeis as profecias», (1.º The. 5:20), pois «o que profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação», isto porque a profecia é «ainda a palavra mais firme dos profetas, à qual fazeis bem em prestar atenção, como a uma lucerna que alumia num lugar escuro, até que venha o dia, e a estrêla da manhã nasça em vossos corações» (1.º Cor. 14:3; 2.º Pedro, 1:19 a 21). Sim, «...a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens Santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo». — «Qual a posição da Bíblia no quadro de valores da educação religiosa do homem? — No quadro de valores da educação religiosa das criaturas, o Velho Testamento, apesar de suas expressões altamente simbólicas, poucas vezes acessíveis ao raciocínio comum, deve ser considerado como a pedra angular, ou como a fonte-mater da revelação divina.»—Os cinco livros maiores da Bíblia encerram símbolos especiais para a educação religiosa do homem? — Todos os

documentos religiosos da Bíblia se identificam entre si, no todo da primeira revelação com Moisés, de modo a despertar no homem as verdadeiras noções do seu dever para com os semelhantes e para com Deus». — «A previsão e a predição, nos livros sagrados, dão a entender que os profetas eram diretamente inspirados pelo Cristo? — Nos textos sagrados das fontes divinas do Cristianismo, as previsões e predições se efetuaram sob a ação direta do Senhor, pois só Êle poderia conhecer bastante os corações, as fraquezas e as necessidades dos seus rebeldes tutelados para sondar, com precisão, as estradas do futuro, sob a misericórdia e a sabedoria de Deus». «O Consolador», n.os 267, 275 e 276, por Emmanuel. Qual o motivo do Apocalípse? O Apocalípse de João — «Alguns anos antes de terminar o primeiro século, após o advento da nova doutrina» do Cristo, «já as fôrças espirituais operam uma análise da situação amargurosa do mundo, em face do porvir. Sob a égide de Jesus, estabelecem novas linhas de progresso para a civilização, assinalando os traços iniciais dos países europeus dos tempos modernos. Roma já não representa, então, para o plano invisível, senão um foco infeccioso que é preciso neutralizar ou remover. Todas as dádivas do Alto haviam sido desprezadas pela cidade imperial, transformada num vesúvio de paixões e de exgotamentos. O Divino Mestre chama aos Espaços o Espírito de João, que ainda se encontrava prêso nos liames da Terra e o Apóstolo, atônito e aflito, lê a linguagem simbólica do invisível. Recomenda-lhe o Senhor que entregue os seus conhecimentos ao planeta como advertência a todas as nações e a todos os povos da Terra, e o velho Apóstolo de Patmos transmite aos seus discípulos as advertências extraordinárias do Apocalípse. Todos os factos posteriores à existência de João estão ali previstos. É verdade que frequentemente a descrição apostólica penetra o terreno mais obscuro; vê-se que a sua expressão humana não pode copiar fielmente a expressão divina das suas visões de palpitante interêsse para a história da humanidade. As guerras, as nações futuras, os tormentos porvindouros, o comercialismo, as lutas ideológicas da civilização ocidental estão ali pormenorizadamente entrevistos. E a figura mais dolorosa, ali relacionada, que ainda hoje se oferece à visão do mundo moderno, é bem aquela da igreja transviada de Roma, simbolizada na besta vestida de púrpura e embriagada com o sangue dos santos».

Hoje, quando — «No banquete dos povos ilustres da atualidade terrestre, lêem-se as três palavras fatídicas do festim de Baltazar» (Daniel, Capítulo 5). Quando «uma fôrça invisível gravou novamente o «MANE-THECEL-PHARES» na festa do mundo», sim é nescessário um livro como este — «As Profecias de Daniel e o Apocalípse», livro que «é o fruto de uma mentalidade luminosa e invulgar», e agora perguntamos: «Se o passado já se realizou, porque não se realizará o futuro?»

«Vê-se, pois que o Apocalipse de João tem uma singular importância para os destinos da humanidade terrestre» e o mesmo sôbre Daniel os quais se identificam.

«Que Deus, em sua misericórdia, ampare os humildes e os justos» («A Caminho da Luz», capítulo 14 e «Emmanuel», capítulo 19).

Onde Encontrar Alívio

Major Levino Cornelio Wischral

Quem penetrasse aquêle recinto, ouvindo a palestra cordial de pessoas amigas, julgaria estar na intimidade de um doce lar, nunca porém num centro espírita. Tudo no ambiente irradiava intensa paz e harmonia.

Entre médiuns e assistentes contavam-se, quando muito, umas vinte pessoas.

Previa-se para essa noite um aprendizado de grande valor, pois, os componentes da assembléia, encarnados e espíritos, perfeitamente irmanados, uns ansiosos por aprenderem, outros por ensinarem, permaneciam mergulhados em profundo bem estar, no meio de vibrações luminosas e sutís.

Os irmãos do espaço viam nêsse conjunto homogêneo um ponto luminoso sôbre a face da Terra, representado por suave e atraente claridade, chamariz de espíritos ignorantes e sem rumo.

Após as preces do presidente do grupo, rogando comovido a Deus mais luzes e humildade, incorporou-se o mentor espiritual para tratar dos últimos retoques necessários à uma boa sessão.

Inicialmente foi explicado aos encarnados que a pequena e simples salinha que ocupavam fôra, pela graça do Pai, transformada fluídicamente e, num instante, em um anfiteatro de colossais proporções, alteração essa sómente visível aos espíritos e aos médiuns videntes.

Próximo à entrada e em frente aos assentos em fórma de escadaria, aguardava o momento de falar, em atitude serena, o irmão instrutor chefe, ladeado por aprendizes de categoria, trajando todos túnicas brancas.

Nas arquibancadas comprimiam-se além de seis mil espíritos, na sua maioria recém desencarnados e aí levados pelos seus protetores ou atraídos pela luz dos bons pensamentos do «Centro Espírita Carinhoso Abrigo». Havia-os católicos, protestantes, espíritas, esoteristas, ateus, enfim, representantes de todas as religiões e credos.

Uma vez acomodados nos seus lugares, fizeram-se sináis luminosos indicativos de que era necessário silêncio, o que aliás de imediato foi conseguido.

Não demorou e os alto-falantes transmitiam as palavras doutrinárias do instrutor, sendo êste alvo de olhares atentos de todos os presentes ávidos por adquirirem conhecimentos novos e valiosos conselhos.

Ouçamos também o orador que falava pela bôca do médium aos encarnados e, concomitantemente, aos milhares de assistentes desencarnados abordando o tema: «INCOMPREENSÃO».

«Quasi todas as criaturas julgam e disso teem convicção de que após o túmulo tudo está acabado; no entanto, graças ao boníssimo Deus aquí estamos mais vivos que nunca. Tudo em nós é energia e incessante atividade.

«Examinai nêsse instante o vosso divino e eterno corpo espiritual isento da carne. Vêde que maravilha».

No espaço repercutiram milhares de «Oh!» e «Como?» ditos pelos circunstantes em grande admiração.

Dos inúmeros cérebros presentes, aflitos por estabelecerem contáto com os familiares e parentes na Terra, após as últimas palavras do instrutor, via-se partir como um fio luminoso, riscando espaço afóra, a fim de transmitir-lhes em viva voz esta verdadeira boa nova: «Olhem, aqui estou e não estou morto, o sepulcro é porta bendita para outro plano da vida».

Todos os desencarnados, que ignoravam a sua situação, receberam a graça do Pai Amantissimo, pelo esclarecimento de que aí não mais estavam presentes em carne e osso e sim em espírito.

Calou fundo em cada assistente essa surpreza feliz e sentidas preces de agradecimento foram levantadas aos Céus.

Caros irmãos, muitos procuram ansiosos os confessionários das igrejas na infantil suposição de lhes ter receitado um anestésico contra a dôr aguda produzida pelo grito incômodo da consciência.

Pobres e incautas criaturas, até hoje ninguém conseguiu semelhante omissão, no entanto, teimosos, continuam a se iludirem em vez de se confessaram a si mesmas ou a Deus.

Ajustem desde já a norma de vida para que, quando tiverem de passar para o «outro mundo», não necessitem esconder cousa alguma. No plano espiritual não é nem nunca será possível ocultar o menor defeito; tudo fica à mostra, tudo ás claras, pois é a nossa própria consciência que toma configuração e é visível a todos; mostramo-nos tal qual somos, é a lei do Pai, todo justiça.

Muitos outros, após perambularem de séca a méca, batem às portas de algum centro espírita ou de algum médium, na suposição de se lhes fazer sumir chaga fétida e profunda com um milagroso impôr de mãos.

Sim, almas aflitas e infortunadas, estes são realmente os portais da exáta compreensão dos sofrimentos até então incompreendidos, mas nunca as portas onde imaginais residam os derrogadores das eternas leis do mais sábio dos juizes.

Outros ainda, em penosas romarias, vão buscar em aldeias distantes, as curas de suas mazelas nas almas boníssimas e santas do padre de Poá, padres Antonio e Germano e outros tantos missionários de batina que sabem interpretar o verdadeiro sentido do amor pelo próximo.

Exultai cristãos, por existirem almas puríssimas, dessa índole, entre a clas-

se mais numerosa «dos que não querem vêr».

Procurai constantemente afinar vossos espíritos sintonizando na mesma onda vibratória dos que não se dizem representantes de Deus na Terra. O povo conhece-os instintivamente.

Atopetam outros, consultórios e hospitais desejosos de explicações circunstanciadas dos fenômenos que sabemos primórdios da mediunidade: são os convidados pela Providência para serem os arautos do Pai junto à humanidade sofredora, são os futuros sensitivos ou médiuns.

Depois de transformarem, por muitos anos, essas cobaias em experimentadores inúteis de toda sorte de drogas e testes, desenganam-os com a irrevogável nota: «E' defeito orgânico». E lá se vão penando, desconsolados e tristes os candidatos designados para a sagrada difusão da voz do Cristo-Médico. Revoltam-se contra Deus que os fez nascer doentes. Sim, para eles Deus é um injusto e mau.

Oh vós, cientistas e médicos que vos tenhais como infalíveis aplacadores do sofrimento, estendei vossas vistas além, muito além do acanhado palpável e só assim descobrireis instantaneamente o medicamento para o corpo e até para a alma.

Perdei a noção de que sois semideuses, afastai esta louca presunção, a fim de que a sinceridade construtiva não encontre dificuldade de alojar-se em vossos corações.

Volvei vosso pensamento em direção diferente que não seja a estúpida rotina e haveis de notar que espíritos abnegados e impacientes até, pelo vosso progresso, vos ajudarão a dilatar as vistas e a ativar o raciocínio.

Paes desorientados, lembrai-vos que o Espiritismo esclarece tudo. Êle é ciência, filosofia e religião. Experimentai.

Há os que julgam encontrar alívio no satânico alcool. Embriagando-se acreditam reduzir ao nada as suas máguas, por afundá-las na ilusão do esquecimento transitório impelidos pelo destruidor narcótico que desempenha papel encorajador e estimulante de almas já falidas.

Procuram outros, nos entorpecentes, em raras ocasiões de lucidez ou vergonha, afastar de suas memórias as asquerosas e bestiais lembranças da corrupção sexual, mergulhando-se cada vez mais no lodaçal pútrido.

Raros são os olhos humanos capazes de suportarem quadros tão repugnantes. Treme-nos o íntimo de imensa compaixão. Como podem almas humanas caír tanto ?

Desditosos que teem destino certo a pestilenta sargeta, última acolhedora amiga dos resíduos humanos...

Ainda há tempo, ó viciados, para o retorno à rota desviada; volvei, desgraçados, os vossos olhos lacrimejantes para o puríssimo e angélico Mestre, amigo dos infelizes. Não vos envergonheis, Êle vos compreende.

Lembrai-vos do tempo de infância quando com o coração juvenil e sem mácula entraveis na igreja e lá, de joelhos ante Deus, recitáveis o «Não nos deixeis entregues à tentação, mas livrai-nos do mal».

Continuai com essa reconfortante reminiscência e não duvidai porque os amigos do espaço vos ajudarão a subir os degraus para um plano melhor.

Até agora e sempre o problema capital que deve preocupar o Governo e o homem é o lar e a educação dos filhos. Os paes ainda estão muito distantes da nítida compreensão do amor na aplicação aos seus rebentos, por isso mesmo, nós aquí do plano espiritual, verificamos profundamente condoídos que grande número de filhos, nem bem criam as asas da maioridade deixam-se conduzir para a senda do crime.

Apenas separam-se do convívio paterno e lá se encontram metidos nas sombrias e tristonhas masmorras da justiça.

Transmudam-se, por assim dizer, do lar ao cárcere.

Longos anos passam esses jovens no medonho isolamento, tendo apenas por companhia os sentimentos de revolta, de vingança e ódio que lhes enegrecem mais ainda a débil e hesitante alma que deveria ter por campo evolutivo, não as quatro paredes, porém o horizonte azul e sem fim.

Por culpa de quem tudo isto ? È-me penoso dize-lo: Por falta de amor dos pais.

Extravia-se também, pela mesma razão, a filha querida para o lupanar, afim de servir de pasto aos incontidos e carnais desejos dos homens.

Oh vós, oh pais que sois os ver-

dadeiros culpados! a justiça dos homens ainda não está aparelhada para vos julgar, mas a justiça divina vos aguarda implacavel.

E' imprescindivel sanar, aplainar, corrigir e resgatar, a custo de pesadas e sangrentas lágrimas o condenavel menosprezo das almas que Deus vos confiou.

Ide, fazei uma visita aos detentos, aos abandonados nos hospitais, sondai-lhes as origens de seus males e após rapida meditação verificareis que a essência sublime, o amor, com relação aos filhos, foi miseravelmente deturpada e esquecida.

Procurai ver e sentir em qualquer homem, por mais repelente que vos pareça, um vosso irmão ou filho e, exercitai-vos desde já, afim de que, em cada mulher, mesmo na decaida, possais ver uma irmã ou uma vossa filha.

Que cada lar seja um paraíso do amor e da compreensão.

Dos homens sereis, no entanto, o mais infeliz se nem no lar encontrardes um pouco de tranquilidade.

Ide, alma eterna e divina! abrí os vossos braços e amai intensamente a todo mundo e a tudo.

Crônica Estrangeira

Facto Telepático

«Psychica»

J. H. Bisson comunicou à citada revista, o seguinte facto:

«Encontrando-me de visita em casa de um amigo, ouvi a narrativa de uma ocorrência pela pessoa interessada e pedi permissão para dar-lhe publicidade, o que me foi amavelmente concedido.

«Mme. D... tinha o hábito de tomar banho todas as tardes pelas 6 horas.

Certa tarde, após sua entrada no banheiro, Mme. D... sentiu-se incomodada. Uma fuga de gás do encanamento, ou da torneira mal fechada, era a causa do mal-estar. Mme. D... fez esforços para acionar a campaínha de alarme. Apenas o conseguiu, sentiu-se mergulhada na água da banheira. Quando o pessoal acorreu, Mme. D... havia perdido conhecimento.

Foi retirada, fizeram-lhe as clássicas fricções e, felizmente, retornou à vida.

Quando em estado de responder ás questões do marido, êste perguntou:

— E' verdade que um asfixiado, no momento em que perde a consciência, torna a ver todo seu passado, e isto em seus mínimos detalhes, como sempre ouço dizer?

— Mme. D... respondeu: Absolutamente não, o que mais me surpreendeu, foi não sómente não ter passado pela revisão de minha existência, mas o facto de não ter pensado em ti, nem na minha filha, nem em nossos queridos filhinhos, enfim em todos vós que sois toda minha ventura. Vi diante de mim, sem poder afastar sua imagem, nossa amiga J. Ela estava perto de mim, olhava-me tristemente, impossível, nesses poucos minutos, arredá-la de meus olhos e pensamento (Mme. J. não passava de uma relação mundana do casal D...)

Passou-se o dia, Mme. D... se restabelecia lentamente.

Dia seguinte de manhã, chega uma carta para Mme. D.., carta esta escrita pela filha de Mme. J. e anunciando a desgraça súbita que acabava de os atingir:

Sua mãe tomava um banho ás 6 horas da tarde, foi intoxicada e morreu afogada na banheira, sem ter tido o tempo de chamar por socôrro.

Mme. D... não explica, ela sómente relata.

Êste facto, junto a algumas premonições pessoais, tornam Mme. D... quasi crente numa fôrça dirigente, independente de nossa vontade.

Mme. D... é senhora extremamente perspicaz, inteligente, de grande bom senso, e pouco apta a se iludir.

*

«Êle veio me buscar»

Mrs. Joy Snell, notável «vidente» e enfermeira inglêsa, relata o que segue:

«Um de meus amigos foi atacado de congestão pulmonar; internado no hospital, morreu pouco depois. Era excelente homem, a quem a morte não infundia terror. Sua mulher, muito religiosa, per-

maneceu constantemente à sua cabeceira, esperando resignadamente o desenlace fatal. Uma hora antes de morrer, o enfêrmo dirigiu-se à esposa e, com a mão indicando algo no alto, disse: «Olha, olha; aí está Bennie! Êle veio me buscar. Agora êle me estende suas mãozinhas e sorri. Tu o estás vendo?» — A mulher respondeu: «Não, querido; não posso vê-lo; mas sei que aí está porque tu o vês».

Bennie era filho único do casal, morto pouco antes, aos seis anos de idade. Também eu percebia nitidamente a sua forma. Era um anjinho encantador, cabelos encaracolados, olhos azuis, envolto em branca túnica. Era criança gentil, normal, mas glorificada, etérea, radiante, como igual não existe no mundo dos vivos. Pouco depois, o enfêrmo adormeceu placidamente, assim permanecendo durante uma hora. Durante êsse tempo, o anjinho permaneceu constantemente junto ao pai moribundo, o rosto radiante de alegria, devido à reunião iminente. De vez em quando, dirigia afetuoso olhar para a mãe, que nada via. A respiração tornava-se penosa, o enfêrmo enfraquecia visivelmente, e, enfim, expirou. Nêsse momento, percebi o fenômeno habitual, que tão familiar me era, da formação do «corpo etéreo» acima do corpo físico inanimado. Quando a forma se tornou completa e animada, o anjinho tomou a mão de seu pai, que, por sua vez, se transformou num anjo, e vi os dois mirarem-se amorosamente e um a sorrir ao outro com expressão da mais pura afeição e da mais viva felicidade; em seguida ambos se elevaram e desapareceram a meus olhos. Glorioso espetáculo, êsse! Graças a êle, a morte que é encarada com terror e considerado o mais horrendo mistério, apresentava-se bela e benfazeja, como a maior reveladora do Amor infinito que o Pai Eterno mostra a suas creaturas...

Depois, quando assistia a enfêrmos particulares, sempre vi, junto aos que morriam, uma ou mais formas angélicas acorrerem para receber o espírito liberto, afim de conduzí-los ás novas moradas.

*

Coisas espantosas

Por Isidoro Duarte Santos

Na verdade, são profundamente espantosas as coisas que passamos a contar, sem que, para ela encontremos razão suficientemente explicativa.

Sabemos que, em muitos pontos, os vivos são governados pelos *mortos* e que o «visivel» é minúscula partícula do universo, quási todo êle oculto aos nossos sentidos físicos. Por isso, não comentaremos os factos. Deixaremos o comentário a cargo do leitor interessado, que, de-certo, não deixará de meditar no assunto.

Foi no princípio da Grande Guerra que os fenómenos começaram a desenrolar-se, segundo relato do grande semanário alemão *Woche*, que publicou a notícia, em termos absolutamente imparciais.

Após uma manobra difícil, alguns barcos de guerra alemães aprisionaram determinados vapores ingleses, entre as quais se encontrava o «Dundee», que se empregava no transporte de carga e que imediatamente se tranformou em guarda-costas, tripulado por marinheiros germânicos e encorparado numa esquadrilha, de que fazia parte o «Weser», como navio chefe.

Logo que o «Dundee» içou a bandeira alemã, deram-se a bordo coisas espantosas. Primeiro, desinteligências e equívocos na transmissão e execução de ordens, não obstante a competência do comandante e o adestramento da tripulação, o que motivou êrros inevitáveis de manobra, cuja origem ficou sempre envolta em mistério. Uma vez, os submarinos ingleses aproveitaram a noite para minar certo local, onde passaria o combóio a que pertencia o «Dundee». Pois, na altura do campo de minas, êste cargueiro abandonou inesperadamente o rumo que seguia, contornou o perigo e só voltou ao rumo, quando ultrapassou o campo. Os restantes navios atravessaram o local, sem nada pressentir e um deles explodiu. Ninguém pôde averiguar a causa da manobra. A-pesar-de ter havido aparentes desobediências e algumas punições, tudo ficou na mesma.

A tripulação andava inquieta e intrigada. Por pouco não houve abalroamentos com o «Weser», contra o qual parecia recair a estranha «fúria» do «Dundee».

No fim da guerra, o «Dundee» foi entregue à Inglaterra, juntamente com outros navios mercantes; e, muito antes dêstes últimos largarem de Heligoland, largou o «Dundee», cujas caldeiras, por estranho mal-entendido, foram mandadas

acender pelo capitão. O mais interessante é que o misterioso navio ficou inopinadamente desgovernado ao deixar o pôrto e descreveu uma volta, durante a qual passou ameaçadoramente junto do «Weser», em ar de desafio.

Estas informações foram dadas pelo capitão do «Weser», que, por sua vez, as transmitiu a Hans Friederich Bunck, autor do rélato.

Mais tarde, cada navio seguiu o seu destino, na faina de servir a economia geral dos povos. O capitão do «Weser», ao passar um dia pelo «Dundee», sentiu não poder cumprimentar o seu «inimigo». O «Dundee», porém, foi ao seu encontro, passou-lhe por bombordo e o capitão do «Weser» sentiu em tôrno de si uma forte rajada de vento que lhe atirou o boné ao mar. De repente, a rajada extinguiu-se. O capitão diz que nunca lhe aconteceu semelhante coisa, na sua longa carreira de marinheiro. Tem o crâneo possante e os marujos costumam puxar o boné até ás orelhas. O fenômeno deu-lhe a impressão dum indivíduo que lhe tirasse o boné e o lançasse ao mar.

O capitão do «Weser» conta outro caso ainda mais espantoso. Passados anos, o «Weser» vinha do Levante com mercadorias, teve que fazer escala por Gravesand e subiu o Tamisa, com a preamar. Ao passar o Regent Canal, sobreveio a baixa-mar e fundeou perto do cais, precisamente quando o «Dundee» descia, com a maré baixa.

A despeito da boa visibilidade e da calmaria, êste último mudou subitamente o rumo e avançou sôbre o «Weser», abalroando com êle.

Feito o necessário inquérito, verificou-se que não houvera êrro de navegação, nem defeito nas máquinas e que o espaço era suficiente para a passagem.

O capitão do «Dundee» e o tribunal de justiça encontraram-se em frente dum enígma insolúvel. Pouco depois, o «Dundee» naufragava na Biscaia, arrastando consigo mais de metade da tripulação.

Aquí está, em síntese, uma série de peripécias bem difíceis de explicar, sobretudo para os materialistas, antigos e modernos, que apenas acreditam naquilo que diretamente os impressiona. Embora, como dissemos acima, não pretendemos explicar o fenômeno, não nos repugna admitir a influência de entidades desencarnadas que, em certas condições, podem agir sôbre a matéria, quer movendo objétos, quer deixando marcas indeléveis. No caso em aprêço, o cérebro e os braços dos tripulantes teriam sido influenciados para dirigir e executar manobras involuntárias e contraditórias, em obediência a desígnios e vontades incompreensíveis. Duma forma ou de outra, trata-se realmente, de coisas espantosas, que confundem a razão humana.

Visita-os pelo Natal

«Constancia» de «La Nacion» (17-6-943)

Em 1930, Herbert Neff, residente em Knoxville, Tennesse, levou para sua casa um inteligente exemplar canino, chamado Gyp, o qual logo se transformou, quasi, em membro da familia. Dois anos depois, o cão desapareceu misteriosamente e, após buscas inúteis durante várias semanas, os Neff deram-no por perdido. Mas, certo dia—era véspera de Natal—ouviram arranhar à porta do serviço. Aí se encontrava Gyp, o pródigo. Permaneceu com a familia toda essa noite e o dia seguinte. Mas a 26 de dezembro tornou a desaparecer. Durante nove anos repetiu suas visitas de igual modo, mas nunca, durante esse lapso de tempo, puderam os Neff localizar o sitio em que vivia o animal. Só em 1941 um jornalista interessado no caso, conseguiu descobrir o paradeiro do cão, seguindo-o até uma casa situada a dois quilómetros de distancia de sua morada anterior. Seu outro dono, J. R. Jones, declarou que durante esses nove anos não conseguira explicar-se os desaparecimentos de Gyp. Em 24 de Dezembro último a senhora Neff preparou, como sempre, a comida do cão, mas este não apareceu. Vinte e quatro horas depois, Gyp, que agora conta treze anos de idade, fez, o que talvez seja, a sua últitima visita a seus antigos donos. A' sua crescente debilidade deve, seguramente, ser atribuido o seu atraso. O que até agora não se poude explicar é como Gyp percebe a chegada do Natal.

Que o Evangelho seja o vosso guia, porque sem êste guia sereis sempre cegos. —Calixto.

ESPIRITISMO NO BRASIL

A Caravana da Fraternidade

Impressões de sua passagem por João Pessoa, conforme o relato do jornalista, seu autor.

Excursionou, durante o mês de novembro último, pelas capitais nortistas, em missão de confraternização, uma caravana espírita, constituida de Artur Lins de Vasconcelos Lopes, Leopoldo Machado, Francisco Spinelli, Carlos Jordão da Silva e Ary Casadio. Artur Lins esteve nesta cidade, no dia 10, realizando à noite uma palestra na séde da Federação Espírita Paraibana, durante a qual historiou os acontecimentos que preludiaram a concretização do Pacto Áureo. O ilustre centralizador de todo o movimento confraternista retornou ao Rio, antes da Caravana, atraído por imperiosos deveres.

No dia 16, a Caravana visitou a cidade de João Pessoa. Foi um dia de intenso júbilo para a família espírita da Paraíba. Pelas dez horas, aproximadamente, os arautos da Caravana foram recebidos na séde da Federação Espírita Paraibana. Após os cumprimentos fraternais, todos os presentes sentaram-se em torno de uma mesa, seguindo-se uma prece que foi proferida pelo Professor Leopoldo Machado. Concluida a prece, foi transmitida aos presentes, por incorporação, através de Ary Cassadío, uma mensagem de Bezerra de Menezes. O tom comovente em que falou o mensageiro celeste emocionou a assistência. Todos sentiram a magnificência do ambiente, plenamente dosado de reconfortante espiritualidade. Bezerra de Menezes, após enaltecer a concórdia existente no seio da família espírita de João Pessoa, concluiu a sua mensagem, exortando a todos, para que se mantivessem dentro das linhas de fraternidade.

Em seguida, a Caravana acompanhada de vários espíritas da cidade, fez uma visita à praia de Tambaú. Alguns membros da Caravana lançaram-se às águas do Atlântico, pondo-se em contacto com as ondas acolhedoras do litoral paraibano. Leopoldo Machado recusou-se a receber o abraço fraternal das ondas, preferindo colher algumas fotografias do aprazível local. Ás 11 horas a Caravana retornou à cidade afim de se entregar a ligeiro repouso.

Ás 14 horas iniciaram-se as visitas aos Centros Espíritas «Bezerra de Menezes»; União Espírita «Deus, Amor e Caridade» e ao Albergue da mesma União, em construção; Centros Espiritas «Discìpulos de Jesus» e «Leopoldo Cirne».

Às 20 horas, teve lugar a festa no Teatro «Santa Rosa», cedido pelo Governador do Estado. Aberta a festividade com uma prece, proferida por Carlos Jordão da Silva, usou da palavra Francisco Spinelli, que fez uma excelente discertação doutrinária, dentro dos rígidos princípios da moral evangélica.

Em seguida teve lugar a monumental conferência do Professor Leopoldo Machado, ardentemente ansiada pela família espírita da Paraíba e até mesmo por numerosos profanos.

A conferência de Leopoldo Machado empolgou todo o auditório que enchia as dependências do Teatro. O orador foi ouvido sob religioso silêncio, de momento a momento interrompido por calorosos aplausos. Foi um momento feliz. Em todas as fisionomias se estampavam a surpreza e o entusiasmo, provocados pelas sábias palavras do orador. Encerrada a conferência, o presidente da festividade proferiu as seguintes palavras; «As paredes dêste Teatro nunca ouviram palavras tão saturadas de espiritualidade, tão verdadeiras e tão em harmonia com o pensamento divino».

Ao sair do Teatro, ouvi entusiásticas referências acêrca da Professor Leopoldo Machado. Muitos lamentaram a conferência não se ter prolongado por toda a noite.

Soube, com fundamento, que até católicos e protestantes aplaudiram o conferencista.

Ainda perduram, pela cidade, os comentários em tôrno da apoteótica festividade do Teatro. Muitas pessoas ainda hoje me interpelam a respeito da possibilidade do retôrno do Leopoldo Machado a esta cidade. E' que o «gigante» de Nova Iguassú soube conquistar corações e despertar consciências adormeci-

das. Soube dizer com elegância e autoridade, o que é, na realidade, o Espiritismo.

A's 23 horas, realizou-se na séde da Federação uma reunião, na qual tomaram parte os integrantes da Caravana da Fraternidade e todos os Presidentes dos Centros Espíritas de João Pessoa. A reunião constituiu uma reafirmação da união existente entre os espíritas da Paraíba.

Encerrada a reunião, foi lavrada uma ata por Francisco Spinelli, a qual foi assinada por todos os presidentes de sociedades espíritas presentes.

Pela madrugada do dia 17 de Novembro, a Caravana da Fraternidade retornou à cidade do Recife, afim de prosseguir em sua jornada evangelizadora até o extremo Norte do País, deixando no coração dos que ficaram, impressões que transcendem do que se póde dizer através da palavra escrita ou falada.

José Augusto Romero.

João Pessoa, 5 de Dezembro de 1950.

A Serviço da Doutrina

Do nosso representante em viagem. sr. Onofre Batista, recebemos o seguinte comunicado :

Cafelandia: E' presidente do Centro Espírita «Amor e Caridade» o confrade Arthur Gennari, reeleito diversas vezes para o mesmo cargo, devido ao seu trabalho perseverante na seára, dispensando a todos indistintamente, ricos e pobres, as mesmas atenções e o mesmo carinho. O Centro está sempre à cunha, o que constitúe prova de que a sua Diretoria está também sempre em atividade. Cafelandia é séde de Bispado, mas a Doutrina, graças aos esforços dêsse e de outros companheiros, avança maravilhosamente.

Tapiratiba: Fiz duas palestras no Centro Espírita «Francisco de Paula Vitor», que está sob a direção dos confrades José Rosa Pereira e Venancio Pereira Dias. A propaganda marcha bem, pois esses confrades não medem sacrifícios.

São João da Bôa Vista: Acaba de ser fundada outra tenda. Fiz duas palestras com o salão à cunha. Brevemente voltarei para atender a convites no sentido de falar em outros Centros locais.

— Fiz palestra no Centro Espírita «Guilhon Ribeiro», de Botelho. Os confrades trabalham ardorosamente pela Doutrina. Já construiram um ótimo prédio próprio e, anexo ao Centro, mantêm um pequeno asilo que dá abrigo a diversas pessoas inválidas. Brevemente voltarei a Botelho para, atendendo a convites, fazer mais palestras. A propaganda nesta próspera cidade avança a passos largos.

Édipo

Ingressou no segundo ano de existência em Janeiro último, o nosso brilhante colega «Édipo», incontestavelmente um dos mais importantes órgãos espíritas do país e que se publica na Capital, sob a competente direção e redação do incansável difundidor da 3.ª Revelação, Dr. Julio Abreu Filho.

Noticiando o auspicioso acontecimento enviamos ao distinto colega o nosso abraço congratulatório, formulando os melhores votos para que o Alto continue a dispensar-lhe o mesmo auxílio de sempre.

Deus em sua infinita bondade dá a vista ao cego, a fôrça ao fraco e a vontade ao desanimado para que possam todos partilhar da bemaventurança eterna pela luz de seus espíritos ; que alcançarão, um dia, após as lutas e dores cruciantes aceitas com verdadeira paciência e resignação, na certeza da justiça de Deus. Ouvi-nos, irmãos e amigos, guardai e exemplificai os ensinos que vos trazem aqueles que, já em caminho da Luz, não vos deixam desemparados... Que Jesus os abençôe.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Elucidações Evangélicas
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.º e 2.º vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
O Pharaó Mernephtah
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Os Dez Mandamentos
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura	simples	Cr.$ 40,00
	Semestre	— ,,	,,	20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura	registrada	50,00
	Semestre	— ,,	,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro